

# PANORAMA DO MODERNISMO NO PARANÁ NO SÉCULO XX

## OVERVIEW OF MODERNISM IN PARANA IN THE XX CENTURY

Vanderlei Kroin<sup>1</sup>

vanderleikroin@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho busca trazer algumas considerações acerca do surgimento e/ou presença de tendências da estética modernista no estado do Paraná, elencando alguns escritores e artistas que tomaram parte desta renovação e contribuíram para com o crescimento do cenário literário e artístico paranaense, sendo inovadores – mesmo que de forma não engajada. Pretende-se perfazer um pequeno histórico do processo precedente que culminou em transformações e mudanças no cenário das letras e das artes no estado, além de se traçar um panorama geral do Modernismo brasileiro, observando-se os diálogos entre o projeto estético nacional e os desdobramentos ocorridos pelo Brasil, bem como os “localismos”, incluindo-se aí o Paraná, alguns de seus artistas e escritores do século XX.

**Palavras-chave:** Modernismo brasileiro. Modernismo no Paraná. Literatura. Artes.

**Abstract:** This work aims to bring forth some considerations on the appearance and existence of modernistic trends in Parana, listing some writers and artists that were part of this renovation and contributed with the growth of the artistic and literary scene in Paraná State, Brazil; therefore they were innovative – even though they were not necessarily engaged. This paper traces a historical overview of the preceding process that transformed the scene of arts in state of Paraná, furthermore we tried to trace a general panorama of the Brazilian Modernism, observing the relations that exist between the national aesthetics and the local ones, including Parana and some of its 21th-century writers.

**Key words:** Brazilian Modernism. Modernism in Parana. Literature. Arts.

### 1 Introdução

No século XX, o Brasil passa por profundas transformações de várias ordens – sociais, econômicas, políticas e, claro, artísticas. O movimento modernista, que buscou redescobrir o Brasil em seus vários aspectos, irradiou-se de Norte a Sul. Em relação à literatura e às artes, o movimento procurou resgatar a cultura do próprio país, desvelando as suas particularidades locais (os regionalismos), de um lado e, de outro, travar diálogos com o que era produzido esteticamente em outras plagas mundiais.

Nessa perspectiva, este artigo busca trazer uma síntese do panorama do Modernismo

---

<sup>1</sup> Estudante de Doutorado em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Bolsista CAPES.

no Paraná, tecendo considerações acerca da chegada e/ou surgimento do movimento no estado, elencando alguns periódicos literários, Academias e Centros de Letras, bem como Salões e espaços destinados ao cultivo e exposição de artes plásticas, além de apontar alguns nomes de escritores, pintores e intelectuais que contribuíram para com a renovação da literatura e das artes em terras paranaenses, principalmente na primeira metade do século XX.

Dentre os artistas que inovaram as artes e a literatura paranaenses, ou seja, contribuíram com a consolidação do modernismo no Paraná, destacam-se nomes como Dalton Trevisan e Helena Kolody, na literatura, e Miguel Bakun e Guido Viaro, na pintura, além de outros. Antes destes, porém, houve todo um terreno que se vinha preparando para que se consolidasse e/ou se implantasse a modernidade no estado. Dessa maneira, neste trabalho, é citado também um pequeno histórico que antecede a esse Modernismo no Paraná. Por isso, há uma breve menção ao período final do século XIX, quando o estado já se havia emancipado de São Paulo – no entanto, adentrou o século XX ainda tratado pela alcunha de provinciano.

Como o Modernismo se configurou como um movimento importante e imprescindível pelas inovações, rupturas e desdobramentos que desencadeou no Brasil nas primeiras décadas do século XX, de uma forma geral, vale resgatar algo de suas premissas, manifestos, autores, e algumas das obras importantes, além de suas características mais salutares, para, então, pôr em diálogo aspectos dessa modernidade que se fez no Brasil como um todo.

## **2 Aspectos do Modernismo brasileiro**

O movimento modernista brasileiro foi um largo movimento de renovação. Caracterizou-se como um grande “projeto” estético-ideológico que buscou um olhar crítico e profundo sobre a cultura brasileira, de uma forma geral. Foi inspirado e esteve em sintonia com movimentos vanguardistas europeus como o Futurismo, o Cubismo e o Expressionismo; mas o projeto modernista visava a ir além. Dessa maneira, voltou-se primordialmente para a descoberta mais incisiva do próprio Brasil – a exemplo do que havia já ocorrido, de maneira mais velada, com o Romantismo no século XIX.

Passou-se, segundo Candido (2000), com o advento do modernismo, a descortinar os particularismos do País. E esse “[...] particularismo se firma agora contra todo academismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a consequente atenuação da rebeldia.” (CANDIDO, 2000, p. 103). Tais “particularismos” a que se refere Candido seriam caracterizadores do Brasil “moderno” a ser resgatado – além da inquestionável composição étnica do País,

formado e constituído pela miscigenação; do grande fluxo de imigrantes aportados ao País na virada do século XIX para o XX; do franco desenvolvimento industrial; do crescente processo de urbanização; e dos novos rumos políticos, com a crise da República Velha e a Revolução de 1930. Essas transformações, que ocorriam simultaneamente e de modo imbricado, acabavam, de alguma maneira, transparecendo nas obras literárias e artísticas.

Lafetá (2000) observa que o Modernismo brasileiro se configurou, ao mesmo tempo, como projeto estético e ideológico. Ele distingue didaticamente ambas as imbricações, argumentando que o primeiro seria a renovação e a experimentação no plano da linguagem; e o segundo seria a nova maneira de se “ver” e observar o país, refletir conscientemente sobre ele. Em suas palavras:

[...] Distinguimos o *projeto estético* do Modernismo (renovação dos meios, ruptura da linguagem tradicional) do seu *projeto ideológico* (consciência do país, desejo e busca de uma expressão artística nacional, caráter de classe de suas atitudes e produções). (LAFETÁ, 2000, p. 21, grifos do autor).

O autor salienta, entretanto, que o estético e o ideológico são partes intercambiáveis do mesmo Modernismo e, portanto, inseparáveis. Com vistas a registrar essa nova visão que se havia construído (ou se estava construindo) do País, necessitava-se encontrar mecanismos linguísticos para concretizá-la. Assim, segundo Lafetá,

[...] o *projeto estético*, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação de uma nova linguagem, já contém em si o seu *projeto ideológico*. O ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade) investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo. (LAFETÁ, 2000, p. 20, grifos do autor).

De fato, no Modernismo, passou-se a olhar o “local” com mais propriedade, de modo crítico, desvinculando-se de certo ufanismo, que foi presença marcante no Romantismo. Essa nova visada para o próprio país requeria, no âmbito da literatura, a utilização de uma nova linguagem, mais coloquial, que desse conta de explicitar com mais propriedade, esteticamente, o que se apreendia das observações da realidade brasileira. Isso transparece em inúmeras obras ao longo do período modernista, como, por exemplo, em *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade; *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade; e também com as inovações dos romances regionalistas, e, pouco mais tarde, com a escrita de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, entre muitos outros autores.

O marco do Modernismo brasileiro foi a conhecida semana de 22. Tratou-se da famosa

Semana de Arte Moderna, realizada entre os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, que contou com a presença de vários artistas, escritores e intelectuais, defendendo as renovações. Candido (1999) caracteriza o movimento modernista brasileiro como complexo e contraditório, que culminou em renovações nunca antes ocorridas na literatura do País e que consubstanciou a formação de uma literatura inteiramente própria, assim como a produção de obras em larga escala. Segundo o crítico,

A sua contribuição fundamental foi a defesa da liberdade de criação e experimentação, começando por bater em brecha a estética acadêmica, encarnada sobretudo na poesia e na prosa oratória, mecanizadas nas formas endurecidas que serviam para petrificar a expressão a serviço das ideias mais convencionais. Para isso, os modernistas valorizavam na poesia os temas cotidianos tratados com prosaísmo e quebraram a hierarquia dos vocábulos, adotando as expressões coloquiais mais singelas, mesmo vulgares, para desqualificar a solenidade ou a elegância afetada. Nesse sentido, combateram a mania gramatical e pregaram o uso da língua segundo as características diferenciais do Brasil, incorporando o vocabulário e a sintaxe irregular de um país onde as raças e as culturas se misturam. (CANDIDO, 1999, p. 70).

Essas inovações modernistas a que se refere Candido aproximam a literatura do popular e transparecem fortemente na obra da poetisa eslavo-brasileira, nascida no Paraná, Helena Kolody, sobre a qual se falará adiante. A valorização dos temas cotidianos, o prosaísmo, a linguagem desafetada de construções gramaticais esdrúxulas e o singelo coloquial se acentuam na obra kolodyana. A poetisa, com seus versos curtos e muitos de seus poemas sintéticos, consegue, por meio do mínimo verbal, irradiar o máximo de poeticidade – o que, por sua vez, a coloca como uma das expoentes do modernismo paranaense.

Retornando aos acontecimentos do Modernismo brasileiro, nos anos que se seguiram à semana de 22, surgiram várias revistas e manifestos que consubstanciaram o movimento na década de 1920, como, por exemplo, a publicação de revistas e periódicos. Entre os mais expressivos, estão: *Klaxon* (1922), *Estética* (1924), *A Revista* (1925), além de *Terra Roxa e Outras Terras* (1926). Quanto aos manifestos modernistas, são redigidos o manifesto da poesia *Pau-brasil* (1925) e o manifesto *Antropofágico* (1928), ambos liderados por Oswald de Andrade, além de outros. Interessante transcrever um pequeno trecho do *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, em que há crítica ao passado academicista e o realce da experimentação poética, que deveria ser mais condizente com a realidade brasileira do século XX. O fazer poético defendido por Oswald de Andrade teria de ser livre, desafetado de preciosismos; deveria ser

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias. A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos. (ANDRADE, 1924 apud TELES, 1973, p. 204).

Todos esses manifestos, revistas e movimentos tiveram o intuito de apresentar as ideias revolucionárias e nacionalistas do movimento modernista. Além dos citados, havia também, evidentemente, as obras literárias e artísticas, produções romanescas e poéticas que continham em si a essência das tendências apregoadas pelo modernismo, caracterizadas por experimentalismo e inovação de técnicas e de utilização da linguagem.

Como exemplos do Modernismo e de seus desdobramentos em solo brasileiro, podem-se apontar alguns nomes e obras. Além dos já mencionados, como o romance *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e *Serafim Ponte Grande* (1933), de Oswald de Andrade, há uma gama vasta de obras literárias expoentes do modernismo brasileiro, entre elas, *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos; *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector; *Poemas negros* (1947), de Jorge de Lima; *O cão sem plumas* (1950), de João Cabral de Melo Neto; e *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. A lista segue-se extensa em relação aos autores que contribuíram, cada qual à sua maneira, para com o aparecimento e a consolidação do modernismo e suas diversas vertentes no Brasil

Candido (2000) divide o movimento literário e artístico do Brasil do século XX, no qual se enraíza o Modernismo, em três fases ou períodos. O primeiro, pré-modernista (1900-1922), caracterizado pelo academicismo; o segundo (1922-1945), ou “fase heroica”, como a denomina o crítico, porque propunha o embate contra esse academicismo vigente da fase anterior – esta é a fase do modernismo oficializado e dos regionalismos, em que há grande apreço ao localismo –; e o terceiro (1945 em diante), em que a literatura se abre ao universal.

A década de 30 do século XX se caracterizou também pela “[...] acentuada politização dos intelectuais, devido à presença das ideologias que atuavam na Europa e influíam em todo o mundo, sobretudo o comunismo e o fascismo [...]” (CANDIDO, 1999, p. 79). Essas influências e ideologias repercutiram no meio político e intelectual da época no Brasil, inclusive na literatura, porque muitos escritores estavam engajados politicamente. Para além da esfera da política e da literatura, mas a elas ligados, segundo Candido (1999), surgem e se intensificam estudos sobre o Brasil, sobre sua formação, seu povo e cultura. O País, nos meandros modernistas,

[...] foi revisto à luz de novas posições teóricas, com desenvolvimento de investigações sobre o negro, as populações rurais, a imigração e o contato de culturas – graças à aplicação das correntes modernas de sociologia e antropologia, graças também ao marxismo e à filosofia da cultura, com o aparecimento de algumas obras de larga influência, como *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, *Evolução Política do Brasil* (1933) e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado

Júnior. (CANDIDO, 1999, p. 79).

No campo das artes plásticas, a respeito de outras áreas, também houve inovações. Entre os nomes de destaque nas artes plásticas modernistas, podem-se destacar Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Candido Portinari, Vicente do Rego Monteiro, Oswaldo Goeldi, Lasar Segal, Ismael Nery, entre outros.

A pintora Anita Malfatti se envolveu em polêmica com Monteiro Lobato, quando, vinda da Europa, em 1917 – portanto, cinco anos antes da semana de arte moderna de 22 –, fez uma exposição de arte moderna em São Paulo, recebendo críticas de Monteiro Lobato em um artigo de jornal. Malfatti fez estudos sobre pintura nos Estados Unidos e na Europa e trouxe inovações nas artes plásticas ao Brasil. Influenciada pelos movimentos Cubista e Expressionista, foi uma figura importante do modernismo; ao lado de Oswald de Andrade, lançou, em 1924, o *Manifesto da poesia Pau-Brasil*.

Outros pintores, como Candido Portinari e Di Cavalcanti, voltaram suas produções para as temáticas sociais, representando, na pintura, cenas brasileiras: o homem brasileiro, as festas, os trabalhadores. Entre as mais conhecidas de Candido Portinari, que realizou mais de cinco mil pinturas, estão “Os retirantes”, “Mestiço”, “As lavadeiras” e o painel “Guerra e Paz”. De Di Cavalcanti, podem-se citar, entre várias, algumas telas que retratam temáticas sociais, como “Duas mulatas”, “Baile popular”, “Nascimento de Vênus”, entre outras.

Outra pintora de destaque no cenário modernista brasileiro foi a já mencionada Tarsila do Amaral. Em suas obras, também abordou temáticas sociais e paisagens brasileiras. Dentre as telas mais conhecidas da pintora, estão “Abaporu”, “Os operários” e “A negra”. Tarsila do Amaral foi casada com Oswald de Andrade, com quem apresentou o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e participou do *Manifesto Antropofágico*, sendo que sua obra “Abaporu” foi o símbolo deste último.

Na poesia, em especial, tem-se a preferência pelo verso livre, uma ruptura considerável em relação à poesia praticada anteriormente pelos parnasianos e simbolistas. Esse desenvolvimento poético foi desencadeado para aproximar e tornar a poesia mais próxima do povo, torná-la mais popular – e mesmo mais coloquial – e, portanto, mais “adequada” à realidade sócio-histórica e cultural do País.

Na poesia, a aproximação da fala popular ou de uma fala mais popular foi possível pela utilização do verso livre. Poetas importantes como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade trouxeram a linguagem comum ou coloquial das cidades. Poetas e ficcionistas procuraram também a fala dos grupos proletários citadinos, como os imigrantes italianos de São Paulo [...]. (CAMPEDELLI; JÚNIOR, 1986, p. 204).

O centro aglutinador do movimento brasileiro foi o eixo Rio-São Paulo. Impactantes nas letras e na cultura de uma forma geral, os ideais modernistas irradiaram-se para outros espaços do País. Tratava-se de uma renovação e de uma revolução nas ideias e nos ideais de Brasil. Foi um movimento consciente e, de certa forma, coeso, que tinha como objetivo maior o rompimento definitivo e total com a influência europeia.

### **3 O Modernismo em terras paranaenses**

Quando o Modernismo irrompeu definitivamente no Brasil, tendo como ápice a Semana de Arte Moderna, os eslavos-brasileiros Helena Kolody e Miguel Bakun eram ainda bem novos; esse movimento viria a propagar-se no estado somente após alguns anos. Em 1889, o Paraná, que alcançara status de província em 1853, torna-se um Estado. Era, pois, bem mais novo que São Paulo e Rio de Janeiro – a capital do Brasil na época –; portanto, era necessário um pouco mais tempo para a renovação mais consistente de suas atividades artísticas.

Essas inovações chegaram mais tarde ao Paraná, e, conforme assinala Cruz (2006), Helena Kolody desenvolveu sua poética nessa mesma vertente modernista, com a ressalva de que a poetisa não esteve sistematicamente ligada a algum grupo específico: “[...] em suas produções literárias verificam-se influências de poetas, de movimentos literários, porém, é importante realçar que a poeta realizou uma trajetória poética sem estar ligada a qualquer grupo ou corrente literária.” (CRUZ, 2006, p. 268).

Entretanto, pode-se afirmar que Helena Kolody é também uma representante do Modernismo brasileiro, pois sua poesia é calcada no cotidiano, com a utilização de uma linguagem sintética e inovação pela busca e construção de uma poesia condensada, enxuta, de fácil entendimento – mas de profunda sensibilidade. Já no primeiro livro que publicou, em 1941, *Paisagem Interior*, dentre os 45 poemas constavam três haicais: “Arco-íris”, “Prisão” e “Felicidade”. Kolody teve contato com o haikai por meio de correspondência com a poetisa paulista Fanny Dupré e foi a primeira mulher a publicar esse tipo de poesia no Paraná.

Pela iniciativa da construção de poemas breves, pode-se dizer que Kolody se configura como moderna, e a natureza já está fortemente presente na poética kolodyana desde suas primeiras publicações. Tome-se, por exemplo, o haikai intitulado “Prisão”, em que se verifica a agonia da prisão, contrastando com um dia ensolarado.

#### **Prisão**

Puseste a gaiola  
suspensa de um ramo em flor,  
num dia de sol.  
(KOLODY, 2011 p. 19).

Observa-se, no haicai, a descrição de um dia ensolarado e bonito, provavelmente a primavera, pela presença da flor. No entanto, a imagem poética que se tem do poema mínimo é de consternação pela presença da gaiola, uma “prisão”, como indica o título. É uma armadilha, a qual quebra a harmonia da cena – um elemento estranho ao espaço da natureza. O dia descrito é ideal para atrair pássaros a gaiolas e alçapões, e colocá-las entre ramos de plantas e flores potencializa o êxito de conseguir sequestrar algum e aprisioná-lo. O eu lírico não é agente da ação; apenas descreve a cena que presencia, como se fosse uma denúncia e uma reprovação ao ato. Nesse caso, a natureza sofre um golpe com a presença humana, que se configura como agressora.

A natureza na poética de Kolody é uma constante, e o cultivo dos haicais vem a reforçar essa presença, já que esse tipo de poema também tem como mote o espaço natural. Dessa maneira, Kolody foi renovadora na poesia paranaense pelo cultivo de haicais e tankas, bem como pela poesia sintética. Além disso, salienta-se o registro introspectivo da natureza em muitos poemas, tencionando-se construir poeticamente imagens de microcosmos que revelam e desvelam os macrocosmos. Kolody, portanto, foi moderna sem o intencionar.

As controvérsias em relação à chegada das tendências modernistas no Paraná existem. Há os que defendam a presença do Modernismo no estado já na década de 1920 – portanto, praticamente concomitante com o movimento em nível nacional –, e os que, ao contrário, o têm como presente no Paraná somente na década de 1940, com o surgimento da revista *Joaquim*. Em se tratando de periodizações literárias, as datas apontadas pela crítica como precisas e pontuais são tidas muitas vezes como inexatas. Os marcos literários são, geralmente, convencionados a grandes movimentos já em curso. Dessa maneira, exemplificam-se as divergências quanto ao início do modernismo e/ou ao aparecimento das ideias modernistas no Paraná.

A crítica costuma salientar duas datas que são, de certa maneira, distantes e distintas: a primeira seria o ano de 1926, e a segunda, o ano de 1946. Como já dito, as datas são apenas convenções, mas podem servir de marco didático para se falar, nesse caso, acerca do modernismo e de seus desdobramentos e implicações no Paraná, como se verá a seguir.

Segundo Oliveira (2005), o Modernismo, que vinha exaltando os ânimos dos jovens

do Paraná, deflagrou-se definitivamente no estado em 1926, quando, em Curitiba, no Clube Curitibano, por ocasião de uma festa literária, houve um discurso de Jurandir Manfredini exultando o Modernismo. Desse ano em diante, os ideais modernos se disseminaram pelo estado e se fizeram sentir, a exemplo nacional, não somente na arte literária, mas também nas artes plásticas, na música e inclusive na política, e entre outras áreas.

Ainda conforme assinala Oliveira (2005) acerca desse movimento em terras paranaenses, alguns críticos o têm como deflagrado no estado antes do surgimento da Revista *Joaquim*, em 1946. Outros, contrariamente, o têm antes desta data como apenas um espasmo, algo passageiro e inconsistente frente ao Simbolismo, que virara o século e ainda se mantinha imperante no estado. O referido autor observa:

Para alguns críticos e pesquisadores, o movimento modernista no Paraná foi um imenso vazio, um vácuo. Algo simplesmente não existente e que fez a história dos movimentos literários do Estado ficar irremediavelmente encravada no Simbolismo, até a chegada da revista *Joaquim*. Entre os que pensam assim estão Dalton Trevisan, Temístocles Linhares e Wilson Martins. Esse pensamento deles ficou registrado na própria revista e em livros posteriores [...]. (OLIVEIRA, 2005, p. 43).

Nessa perspectiva, há de se destacar a importância de *Joaquim* e do próprio Dalton Trevisan, um dos editores da revista, para as letras e a literatura paranaense. O aparecimento de *Joaquim* foi um divisor de águas na história dos debates acerca das artes e da literatura no Paraná. A revista, fundada em 1946, teve apenas dois anos de circulação, encerrando as vigorosas atividades em 1948. Editada por Erasmo Pilloto, Antônio Walger e Dalton Trevisan, *Joaquim* tinha por objetivo uma reviravolta profunda no cenário artístico paranaense, principalmente em relação ao localismo paranista. Em relação ao surgimento da revista, Marilda Binder Samways comenta:

*Joaquim* marcou época na vida literária de Curitiba e do Paraná, mas foi causadora, também, de muitas celeumas que agitaram o ambiente literário e artístico de então, por se tratar de um cometimento que cristalizou os anseios dos moços que há muito vinham tentando definir suas ideologias e inquietações; foi visto como o milagre possível e necessário. (SAMWAYS, 1988, p. 59).

Ainda segundo a autora, os então entusiasmados jovens de *Joaquim* preocupavam-se em expor tudo que fosse relacionado à arte na revista: literatura, artes plásticas, cinema, teatro, música, poesia, ensaios. Não se contentavam nem eram conformistas com as ideias retrógradas da província. Assim, o ideal de “*Joaquim* traduzia o amadurecimento da mentalidade cultural paranaense, reflexo, evidentemente, do amadurecimento cultural nacional, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna.” (SAMWAYS, 1988, p. 12).

Para melhor entendimento do cenário que proporcionou a criação da citada revista, e

mesmo o aparecimento do Modernismo em terras paranaenses, é interessante recuar algumas décadas no tempo, a fim de observar alguns acontecimentos e outras situações que propiciaram e culminaram, por fim, no aparecimento de *Joaquim*, na década de 40 do século XX, ou, antes ainda do surgimento da revista, contribuíram para o desenvolvimento do Modernismo no estado. Samways aponta cinco fases importantes no desenvolvimento da consciência literária e artística do Paraná, consciência esta que se iniciou ainda no século XIX. A primeira seria a fase dos precursores e pioneiros, ou de traços românticos, marcada entre os anos de 1853 – ano da emancipação política do estado – até o ano de 1895, em que surge a revista *O Cenáculo*.

Entre os precursores, estão nomes como Salvador Correa Coelho, João Manuel da Cunha, Manoel Francisco Correa, Fernando Amaro de Miranda, Júlia da Costa, entre outros. Em relação aos pioneiros, os quais iniciaram a primeira geração literária paranaense propriamente dita, ou o que a autora denomina como “românticos, condoreiros, meio parnasianos e até meio simbolistas.” (SAMWAYS 1988, p. 17), destacam-se nomes como Antônio Ribeiro de Macedo, José Gonçalves de Moraes, Luiz Ferreira França, Rocha Pombo.

A segunda fase literária do Paraná, caracterizada por Samways (1988) como a “geração dos Simbolistas”, é representada por nomes como Emiliano Pernetá, Dias da Rocha Filho, Leôncio Correia, Emílio de Meneses, Dario Veloso, Nestor de Castro, além de outros autores. Este período dá importância ao Paraná no cenário nacional, pois se tornou um dos principais centros literários do Brasil. Surgiram inúmeras revistas simbolistas no estado, dentre as quais *O cenáculo*, *A Estrella*, *Electra* e *A revista Azul*.

Outra geração que seguiu, mesclando-se com os simbolistas, foi a “geração dos novos”, conforme comenta Samways (1988). O grupo surgiu do interesse em dar novo fôlego e alguma renovação estética e proclamar independência ideológica, com intuito de conferir um significado mais dinamizador à cultura paranaense. Tal grupo, heterogêneo, constituído por jornalistas e literatos, reunia jovens e outros nomes de importância da época, como Emiliano Pernetá, Emílio de Meneses, Rocha Pombo e Dario Veloso. Era encabeçado por Euclides Bandeira, que fundou o Centro de Letras do Paraná. Apesar do anseio por alguma mudança, o movimento acabou arrefecendo: “Os novos não apresentaram novidades no campo literário, uma vez que foram absorvidos pelos então Velhos. Ideologicamente, não houve acréscimo de valor, a não ser, talvez, uma afirmação social.” (SAMWAYS, 1988, p. 27).

Os “novíssimos” foi um grupo surgido em 1913, época em que o Paraná vivia grande ascensão econômica e recebera grande atenção do País – especialmente pela fundação da Universidade Federal do Paraná, no ano anterior. O meio de disseminar as ideias desse grupo

era a revista *Fanal*, a qual colocou Curitiba em diálogo com os demais centros literários brasileiros. Os principais nomes desse movimento foram José Guaíba, Martins Gomes, Lacerda Pinto, Tasso da Silveira e Andrade Muricy.

A terceira fase apontada por Samways (1988) como importante e precedente ao aparecimento posterior de *Joaquim* é denominada por ela de modernista e futurista. Este momento de reviravolta no cenário cultural e estético do Paraná, inspirado nos franceses e também no Futurismo do italiano Marinetti – ecoado aqui pelos jornais – abalou os ânimos da pacata província. As produções literárias que se tinham como futuristas no estado eram insolentes, zombeteiras; as obras (principalmente a poesia) eram publicadas sob estranhos pseudônimos, conseguindo os autores algum destaque no cenário artístico paranaense. O movimento, que não conseguiu durar muito, teve entre seus principais nomes Correia Júnior, Valfrido Pilotto e Alceu Chicorro.

Outro nome de destaque no fomento ao desenvolvimento à arte e à cultura paranaense foi, segundo Samways (1988), João Baptista Carvalho de Oliveira, ou Rodrigo Júnior. Ele foi importante neste cenário, porque conseguiu exercer influência em vários jovens e reunir, em torno de si, um grupo considerável de artistas e intelectuais. Conforme Samways (1988), Rodrigo Júnior foi ainda inspirador do jornal *Tingui*, criado despretensiosamente em 1940, mas importante para a evolução da literatura paranaense: acabou por influir diretamente na criação posterior da revista *Joaquim*. O referido jornal era dirigido por Dalton Trevisan e tinha como principal objetivo despertar o gosto por poesia e literatura em geral. Promovia concursos literários e conquistou cada vez mais adesões e contribuições de escritores, como Raul Gomes, Odacir Beltrão, Eunice Tavares, Telmo Faria e também da poetisa Helena Kolody. *Tingui* encerrou as atividades em 1943, mas contribuiu imensamente para o desenvolvimento da literatura no estado, principalmente dos jovens talentos que apareciam.

Neste mesmo panorama artístico e intelectual paranaense, deve-se dar destaque às artes plásticas. Assim como na literatura, em que começaram a aparecer nomes que se consagrariam na literatura brasileira posteriormente, como Dalton Trevisan e Helena Kolody, também no campo da pintura o estado viu o aparecimento de nomes que inovaram as artes plásticas e foram também modernos. A exemplo, pode-se citar o italiano radicado no Paraná Guido Viaro e o brasileiro descendente de ucranianos Miguel Bakun, por suas inovações e autodidatismo. Data importante, que marca o cenário pictórico no estado, foi, de acordo com Samways (1988), o ano de 1944. Nesta data, foi realizado o I Salão Paranaense de Belas Artes, que contribuiu significativamente para os rumos posteriores das artes plásticas no Paraná. Neste mesmo ano, lutando contra as mais diferentes adversidades impostas, aparece o

então desconhecido pintor eslavo-brasileiro Miguel Bakun. À custa de muita perseverança, luta e árduo trabalho, ele vem a realizar sua primeira exposição.

O surgimento da revista *Joaquim* abriu importante espaço a disseminação e aparecimento aos artistas do Paraná, em várias artes, como pintura e poesia. Destacou nomes, porque nela se falava de tudo, de arte em geral. Eram publicados ensaios, artigos, entre outros textos que tratavam não só da arte paranaense, mas também da brasileira e mundial. *Joaquim* conquistou avultante importância, recebendo a contribuição de escritos de críticos como Antonio Candido e Andrade Muricy, e os idealizadores receberam elogios pomposos de escritores como Carlos Drummond de Andrade e de José Lins do Rego. Desse modo, a revista *Joaquim* contribuiu para com os novos rumos da cultura paranaense: de espírito inovador, debatia-se contrariamente ao que considerava a arte retrógrada e academicista, alienante, atrasada.

Oliveira (2005) comenta a respeito da incipiência do Modernismo no Paraná, observando que o movimento não teve vigor e força suficiente para ser impulsionado em nível nacional, ficando à sombra do Simbolismo e retroagido pelo movimento paranista. A intelectualidade paranaense mais representativa, a que se poderia dizer modernista das primeiras décadas do século XX, especialmente as décadas de 20 e 30, ou estava fora do Paraná, integrada mais intimamente ao Modernismo nacional, ou no estado, quase que suplantada pelo paranismo. Desse modo, pode-se dizer que houve anseios modernistas no Paraná nas primeiras décadas do século XX, mas que tal movimento esteve ofuscado, registrado mais em jornais que em obras que o sintetizassem, como se nota no excerto abaixo:

A difusão das ideias modernistas se deu, no entanto, mais com a produção de textos para jornais e de debates públicos do que com obras que representassem a inclusão paranaense nesse movimento. Os modernistas eram articulados e combativos, mas faltava-lhes obras de fôlego, faltava-lhes livros. Os mais conhecidos não moravam no Estado e viviam na Capital Federal, de onde comandavam uma das vertentes modernistas, com a revista *Festa*, que foi uma revisão espiritualista do movimento, já entrando nos anos 30. Eles não tinham “obrigações” paranistas e estavam incluídos numa discussão nacional. Estavam distantes tanto geograficamente quanto esteticamente da produção do Estado. (OLIVEIRA, 2005, p. 56).

O eixo Rio-São Paulo, mais desenvolvido do País, era o centro “irradiador de cultura” nas primeiras décadas do século XX, para onde se dirigiam intelectuais de outras partes em busca de reconhecimento. Assim, o Rio de Janeiro acolheu os paranaenses Nestor Vítor, Tasso da Silveira e Andrade Muricy, que passaram a trabalhar e integrar a intelectualidade carioca, obtendo maior visibilidade. Nestor Vítor, por exemplo, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Andrade Muricy, crítico de literatura e de artes, viria posteriormente a dirigir atenção para os trabalhos de artistas paranaenses, como os de Helena Kolody e de Miguel Bakun.

Levada em conta a perspectiva de Oliveira citada acima, percebe-se que o Modernismo, no Paraná, foi tanto quanto incipiente. Poder-se-ia dizer que foi uma manifestação que serviu como tentativa válida de renovação do cenário artístico e cultural do Paraná, a qual deve ser valorizada – principalmente se levado em conta o curto período de tempo da tentativa, haja vista que o estado era bem jovem à época. Afinal, haviam transcorrido poucos anos desde que o Paraná passara da condição de província à de estado.

Se considerada a hipótese de que *Joaquim* foi o início mais evidente e incisivo do Modernismo de fato presente no Paraná, considerando-se também as datas da explosão modernista (oficializada) no Brasil (1922) e do surgimento da referida revista paranaense (1946), lá se vão 24 anos (de atraso). Por outro lado, como já sugerido, isso não implica desconsiderar a não presença do Modernismo no estado antes de 1946. Na década de 40 do século XX, por exemplo, Helena Kolody e Miguel Bakun, que podem também ser considerados inovadores das artes paranaenses – e, portanto, modernos –, já estavam produzindo. Kolody já havia escrito vários poemas avulsos em revistas e jornais, bem como publicado dois livros de poemas por conta própria: *Paisagem interior* (1941) e *Música submersa* (1945). Bakun igualmente estava em franca produção, participando de alguns salões de artes plásticas e exposições. No ano de 1944, o artista

Participa da Exposição de Arte Paranaense promovida pela Sociedade Amigos de Alfredo Andersen, no Rio de Janeiro. *Neste mesmo ano* [...] participa de exposição coletiva no Salão Municipal de Arte, localizado no Edifício Garcez, em Curitiba [...]. (PROLIK, 2009, p. 74, grifo nosso).

Em 1946, Miguel Bakun “Participa pela primeira vez, no Salão Paranaense de Belas Artes, em Curitiba”. (PROLIK, 2009, p. 74). Bakun participaria desse mesmo Salão posteriormente, de outras edições, sendo premiado em algumas delas.

Esses dois exemplos parecem ser suficientes para se perceber que havia novidades na literatura e na pintura paranaenses na primeira metade do século XX, ainda antes de *Joaquim*. Embora ainda não fosse uma produção considerável em nível nacional, era indício e sinal de que, em terras paranaenses, já se praticava a arte moderna — ou seja, tratava-se de obras que eram inovadoras, embora pouco conhecidas em cenário nacional à época.

Não quer isso dizer que Curitiba não tivesse a árvore, o pinheiro ou uma natureza com vários componentes. Deve-se levar em conta que a cidade, embora estivesse em expansão, ainda não era, nem de longe, a metrópole que é nos dias atuais. Assim, havia a natureza, os pinheiros, as árvores etc. Havia-os sim, pelos arrabaldes da cidade, conforme consta na poesia de Helena Kolody e na pintura de Miguel Bakun. No entanto, ambos parecem ter conseguido

desenvolver uma produção artística que foi (e é) simplista, pautada nos temas “locais”, sem ser romantizada e ufanista. A linguagem e as formalidades empregadas por eles, na poesia e na pintura, anunciam a modernidade.

O Modernismo brasileiro, de forma geral, abriu-se em leque ao local. O movimento que quis fazer frente à literatura europeia, desgarrando-se dela e tornando-se árvore, em vez de ramos, desdobrou-se em “ismos”: os regionalismos. Os exemplos são frutíferos. Temos a literatura produzida no Rio Grande do Sul, com Erico Verissimo; a literatura do Nordeste, com Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, entre outros; a literatura baiana, com Jorge Amado; a literatura do sertão das gerais, com João Guimarães Rosa; e a literatura do eixo Rio-São Paulo, com Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Cada região e cada escritor renovou a arte à sua maneira, incorporando-se ao modernismo “nacional”. De forma geral, os desdobramentos do modernismo, com as gerações de 30, de 45 e subsequentes, foram positivos. Para se tornar universal, a obra literária e artística precisa antes considerar o local; reinventá-lo por meio da linguagem, registrando-o de maneira diferente, de modo que ela contenha algo inovador, sobressaia-se ao já feito corriqueiramente e tenha algo a mais, que a diferencie em relação às obras produzidas no passado – e esta era a essência da proposta modernista brasileira.

Desgarrar-se da influência ou do resquício de uma tendência, ou mesmo de um escritor, e fugir das amarras do passado não é tarefa fácil, nem algo que se consegue sem muito embate e em pouco tempo. Toda luta de vanguarda traz consigo resquícios de um passado que não pode ser enterrado a bel-prazer. No afã de combater o passado ainda reinante, sem, no entanto, ser uma pura e simples cópia do modernismo, a revista *Joaquim* buscou inovar em duas frentes, tentando evitar os extremos. Procurava uma outra alternativa, um terceiro caminho:

*Joaquim* colocava-se em campo nem tentando copiar o Modernismo, tampouco reproduzindo a literatura regional, uma vez que era uma revista cosmopolita e refletia isso em seus textos. Procurava, portanto, um outro caminho, um caminho próprio de ascensão que, ao mesmo tempo propunha mostrar uma personalidade local e obter um reconhecimento nacional. Procurava, primeiro, para criar sua própria personalidade, livrar-se de algumas amarras que os prendiam a um passado próximo e indesejado e essas amarras estavam representadas pelos artistas que dominavam o cenário local de então, mesmo que esses artistas já estivessem mortos. (OLIVEIRA, 2005, p. 86).

Esse desafio é tarefa engajada do jovem Dalton Trevisan, que escreveu texto criticando duramente o culto e a adoração extremada ao movimento simbolista, dirigindo-se, em especial, ao seu mais notório representante: o poeta Emiliano Pernetá, falecido em 1921 e que havia sido laureado com o título de “Príncipe dos poetas paranaenses”, em 1911. Segundo

Neto (1998), tal texto crítico apareceu em *Joaquim*, n. 2, e Trevisan inicia o artigo da seguinte maneira: “[...] Emiliano Pernetta foi uma vítima da província, em vida e na morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que poderia ser, e, na morte, o cultua como poeta que não foi [...].” (TREVISAN, 1946 apud NETO, 1998, p. 92).

O embate de Trevisan e dos simpatizantes de *Joaquim* contra a tendência literária e artística imperantes ainda na década de 1940, no estado, foi ferrenha, como se viu. A revolução teria de ser contundente, como o foi, e as polêmicas, evidentemente também se formaram, como naturalmente ocorre quando o “novo” quer impor-se ao “velho”, que não quer perder seu lugar. É uma luta sucessiva e ininterrupta. O novo se rebela, vence; e este mesmo novo será considerado ultrapassado e velho um dia, bem como terá de enfrentar e se defender das inovações da posteridade. O modernismo de *Joaquim* se propunha a lutar contra a estagnação do ambiente literário e artístico do Paraná. Nesse sentido, tal ruptura com o passado é salientada pela voz incisiva de Trevisan contra Emiliano Pernetta:

O autor se levanta contra a mistificação de Emiliano, porque a poesia deste não tem continuidade no mundo contemporâneo, marcado pela guerra. A nova mentalidade, formada nas experiências mais dolorosas, não consegue encontrar, em um poeta que produziu obra desligada da vida, nenhum ponto de contato. Ele sequer representou o real homem da província, escrevendo uma poesia reprodutivista, calcada em clichês simbolistas. Para Dalton, o seu único mérito foi o de transportar, de forma precária, um figurino de escola [...]. (NETO, 1998, p. 92).

Além disso, deve-se levar em consideração que a revista *Joaquim* foi como que um laboratório que impulsionou a carreira de Dalton Trevisan como contista. *Joaquim* servia de alavanca para as ideias que seus idealizadores tinham como modernas e para as produções literárias deles próprios, disseminando esses textos – especialmente os de Trevisan, que hoje é considerado, pela crítica, um dos maiores contistas brasileiros.

Levando-se isso em consideração, tem-se *Joaquim* como marco efetivo do Modernismo no Paraná. De, fato, tendo nascido na data da criação da revista, em 1946, o Modernismo no estado não seria uma renovação, como o foi (ou pode ter sido) a geração de 1945, por exemplo, em nível nacional. Não foi um desdobramento do Modernismo, mas o princípio. Nessa mesma linha, *Joaquim* não se rebela propriamente contra o Modernismo no estado, mas contra o passadismo do Simbolismo, que, em tese, teria sido a corrente que introduziu a literatura no Paraná:

[...] A literatura paranaense fundada pela geração simbolista teve que ser contestada pelos rapazes de Joaquim. Este momento então corresponde à mudança de um padrão literário do século XIX para um do século corrente. Se o passadismo para os modernistas se alojava no parnasianismo, para os rapazes nascidos por volta de

1925, ele residia num simbolismo medíocre, singularizado por um falso espiritualismo, cego à realidade circundante. (NETO, 1998, p. 104).

Tem-se, na afirmação de Neto, a década de 20 do século XX como a data de nascimento da geração que viria a ser (de fato) a geração modernista paranaense. Tal afirmação tende a erradicar a presença modernista no estado antes de *Joaquim*, o que vai contrariamente à posição de outros estudiosos que defendem a ideia de uma geração modernista em terras paranaenses já nas décadas de 20 e 30. São duas posições diferentes que merecem estudos mais contundentes, especialmente quanto às décadas acima citadas.

Iorio (2003) atenta para essa falta de estudo sobre a literatura paranaense produzida na década de 20 do século passado, enfatizando que muitos trabalhos são realizados sobre a virada do século XIX para o século XX e que outros privilegiam a década de 40, justamente a época de criação da revista *Joaquim* e o despontar do contista Dalton Trevisan. Assim, parece que nesse entremeio há um vazio, o que, segundo a autora, não procede:

A maioria das pesquisas relativas à história literária paranaense centraliza sua ação em dois momentos: a passagem do séc. XIX para o XX, período do Movimento Simbolista, a década de 1940, quando surgiu a revista *Joaquim* dirigida por Dalton Trevisan. O interesse dos pesquisadores, nos dois casos, se justifica pela significativa produção literária no estado e pela proeminência nacional alcançada por alguns dos escritores. Os períodos literários deixados de lado, entre os quais os anos 20, por consequência, passam a ser definidos como inexpressivos. (IORIO, 2003, p. 295).

A não escolha da época referida pela autora ocorre somente em razão de recortes de pesquisa na área de literatura desenvolvidas nas universidades (especialmente as paranaenses), de modo que a escassez de tais estudos não significa a inexpressividade desse período literário do estado. Deve-se evidenciar ainda que este trabalho não apresenta um estudo detalhado e aprofundado do Modernismo e de seus desdobramentos no Paraná, mas busca trazer um panorama mais geral, situá-lo historicamente e apontar alguns de seus representantes que foram inovadores na literatura, bem como nas artes plásticas do século XX.

Ainda em relação à *Joaquim*, vale ressaltar que a publicação extrapolou os limites do literário, abrindo espaço para outros críticos e artistas em geral. A revista sintetizava anseios de renovação que não eram ideário somente da área literária, mas também das artes plásticas, área na qual já havia críticas contra a pintura dita academicista. Assim como na literatura, faziam-se alaridos contra a velha tradição simbolista, e, em relação à arte pictórica, não era diferente. O embate travado no cenário das artes plásticas paranaenses era entre os ditos acadêmicos, representados exponencialmente por Alfredo Andersen e seus discípulos – norueguês radicado em Curitiba – e os artistas plásticos tidos como modernos, que tinham como uma das figuras mais representativas o já mencionado pintor italiano Guido Viaro.

Esses dois pintores contribuíram imensamente para o desenvolvimento da pintura no Paraná. Alfredo Andersen é considerado pela crítica o precursor da pintura paranaense. Segundo Wilson Ballão (2010), o pintor fundou, em 1902, mesmo ano em que chegou ao Paraná, uma escola de pintura, e seu nome teve importância ímpar no ensino de arte no estado, deixando uma geração de pintores, discípulos e admiradores. Entre outros, alguns nomes de destaque que formaram a primeira geração da pintura paranaense e que tiveram Andersen como professor e mestre foram Frederico Langue de Morretes, Gustavo Kopp, Estanislau Traple, Theodoro de Bona e Valdemar Curt Freyesleben.

Já o italiano Guido Viaro é tido como o artista renovador que introduziu a pintura moderna no estado. Nascido na Itália em 1897, Viaro veio ao Brasil em 1927, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, depois em São Paulo e, finalmente, chegou ao Paraná em 1930, onde permaneceu até o fim da vida, vindo a falecer em Curitiba em 1971. No Paraná, revolucionou as artes plásticas, fomentando e tornando-se líder das renovações que tinham por objetivo o combate à arte dita retrógrada e ao academicismo imperante no cenário artístico local. Colaborou também com a revista *Joaquim*, escrevendo textos críticos sobre pintura – inclusive a respeito de Miguel Bakun, de quem era amigo.

Kolody e Bakun estavam inseridos nesse contexto espaço-temporal e histórico que se convencionou denominar modernista, tendo sido partícipes da construção e da renovação da arte paranaense. Foram, cada qual à sua maneira, modernos. Contudo, não tiveram um destaque grande à época, proporcionalmente como o tinham Trevisan e Viaro. Também não eram muito conhecidos na arte praticada, o que o tempo veio a modificar, tornando-os expoentes notórios da arte paranaense e mesmo brasileira.

#### **4 Considerações finais**

As tendências modernistas renovadoras alcançaram o Paraná em meados do século XX, e, a partir daí, foi-se consolidando timidamente no território o desenvolvimento da literatura e das artes, mesclado a outras tendências, principalmente a simbolista. A data de chegada da modernidade ao estado é controversa, como se procurou mostrar neste trabalho, mas pode-se dizer que houve uma tentativa de implantação por meio do surgimento da Revista *Joaquim*. Contudo, antes do surgimento dessa revista, já havia tendências modernistas no Paraná, e exemplos evidentes disso são os eslavo-brasileiros Helena Kolody e Miguel Bakun.

Esses dois artistas, produzindo uma arte de forma não politicamente engajada, são mostra de que a modernidade instaurada no estado do Paraná, assim como no Brasil, não se

resume à datação. É decorrência de uma evolução em conjunto com outras instâncias, como a política e a social. Por conseguinte, esse renovar contínuo permite até mesmo que se questione o conceito do termo: em todas as épocas, houve o moderno, e, de tempos em tempos, ele é posto em xeque, tornando-se sempre obsoleto à ácida posteridade.

## Referências

BALLÃO, Wilson. Patriarca da arte paranaense. **Revista Oscar Niemeyer**, Curitiba, n. 15, p. 16-23, out. 2010.

CAMPEDELLI, Samira Youssef; JUNIOR, Benjamin Abdala. **Tempos da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CRUZ, Antonio Donizeti da. A construção poética em Helena Kolody. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 39, p. 264- 278, 2006.

IORIO, Regina Elena Saboia. **Intrigas & novelas: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920**. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2003.

KOLODY, Helena. **Infinita sinfonia**. Curitiba: Edição do autor, 2011.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas cidades; Ed 34, 2000.

NETO, Miguel Sanches. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan**. 1998. 448 f. Ensaio (Doutorado em Teoria literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 1998.

OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. **Joaquim contra o paranismo**. 2005. 227 f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2005.

PROLIK, Eliane (Org.). **Miguel Bakun: a natureza do destino**. Textos de Eliane Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: Edição do autor, 2009.

SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.